

TÉCNICAS ARTÍSTICAS E O PROCESSO DA ARTETERAPIA

Maria de Lourdes Oliveira Reis da Silva¹

FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA ARTETERAPIA

A Arteterapia, como espaço específico de atuação psicoterapêutica, surge no início do século XX, a partir dos estudos de Sigmund Freud e Carl G. Jung. Apesar de reconhecer o valor da expressão artística como via de acesso aos conteúdos inconscientes, Freud limitou-se a analisar obras de arte como o Moisés de Michelangelo e não fez uso da arte no processo psicoterapêutico. Jung, ao desenvolver sua teoria que fundamenta a Psicologia Analítica, usou a arte como função psíquica que contribui para transformar conteúdos inconscientes em imagens, cujo simbolismo reflete sentimentos, conflitos e vivências relacionadas com o inconsciente individual e coletivo. Inspirando-se na Psicanálise, Margareth Naumburg (1890-1983), foi a primeira estudiosa a sistematizar a Arteterapia em um processo de Orientação Dinâmica (1941). No Brasil destacaram-se os psiquiatras Osório Cesar e Nise da Silveira. (REIS, 2014).

O trabalho de Osório Cesar pauta-se na perspectiva psicanalítica clássica, ao analisar a simbologia sexual que aflora na produção artística dos pacientes. Visando contribuir para uma afirmação da dignidade humana de seus pacientes, ele promoveu mais de 50 exposições divulgando as produções artísticas produzidas pelos doentes mentais. O método utilizado por Osório Cesar baseava-se na produção espontânea, acreditando que o fazer artístico propiciava a cura ao acessar o conhecimento do mundo interior. (REIS, 2014).

Nise da Silveira preferiu designar seu trabalho como Terapêutica Ocupacional, considerando que a denominação Arteterapia dava uma conotação de valor e

¹ Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Pedagoga. Arteterapeuta pelo Instituto Junguiano da Bahia. Formanda no décimo semestre do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Estácio da Bahia.

qualidade estética que ela não via nas produções de seus pacientes. Além disso, ela considerava que a Arteterapia se caracteriza pela intervenção do terapeuta, ao passo que o seu trabalho era realizado de forma que a produção expressiva de seus pacientes fosse livre de qualquer orientação. Ela considerava a arte terapêutica como uma experiência que possibilita a vivência não verbalizável daqueles que se encontravam imersos no inconsciente, num mundo fora do alcance da elaboração racional. Apoiando-se na Psicologia Analítica de Jung, a tarefa do terapeuta deve ser a de estabelecer conexões entre imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional do paciente. (REIS, 2014).

ARTE COMO EXPRESSÃO DA SUBJETIVIDADE

À medida em que surgem novas expressões artísticas, outras análises e denominações vão surgindo como forma de identificar o movimento emergente e suas relações com os demais. Caminhos interpretativos possíveis delineiam-se na expressão artística, principalmente quando se trata de atitudes e vivências terapêuticas. Toda obra de arte tem seu processo de formatividade, um percurso de criação que perpassa por um potencial criativo inerente ao ser humano, se expressa em diferentes situações e momentos, envolvendo inovação, invenção e criação, modos de expressão da subjetividade que pode propiciar o acesso a zonas mais profundas do inconsciente. É neste sentido que a obra terapêutica de Nise da Silveira, inspirada em Jung, propicia ao paciente o livre envolvimento, a livre expressão de si com outros, liberando momentos subjetivos e nunca uma subjetividade existente a priori, pronta e acabada para ser vista e observada.

Artisticamente, é o consciente que elabora os conteúdos que foram acessados nas práticas meditativas ou nas narrativas oníricas, na formatividade da obra, durante o processo criativo. O inconsciente percebe, pressente, sente e pensa e a consciência, ciente dos conteúdos, pode organizá-los dentro da linguagem artística em elaboração. (BARONE, 2014, p. 31).

Técnicas como a colagem, o desenho, a modelagem, a escrita automática, propiciam momentos criativos como expressão artística terapêutica, momentos em que o paciente pode expressar seus conteúdos simbólicos. A montagem no trabalho

da colagem se organiza numa lógica de significações e de onde emergem símbolos arquetípicos. "Com a sua propensão de criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais". (JUNG, 2008, p. 312).

Por volta de 1911, no final da primeira fase do cubismo, surge, com Braque e Picasso, a técnica da colagem, rompendo com a estética da contemplação, numa opção pelo viés do tátil, evidenciando um potencial de transformação da realidade (MARTINS, 2007). O autor reflete sobre a noção de montagem "como articulação entre elementos descontínuos, qual a relação entre peças de uma engrenagem", no processo de elaboração da colagem, reportando-se à obra do pintor francês Manet (1832-1883), "*Le Déjeuner sur l'Herbe*" (1863), que apresenta um processo de elaboração artística descontínuo com quebra da unidade pictórica.



"Le Déjeuner sur l'Herbe" Manet

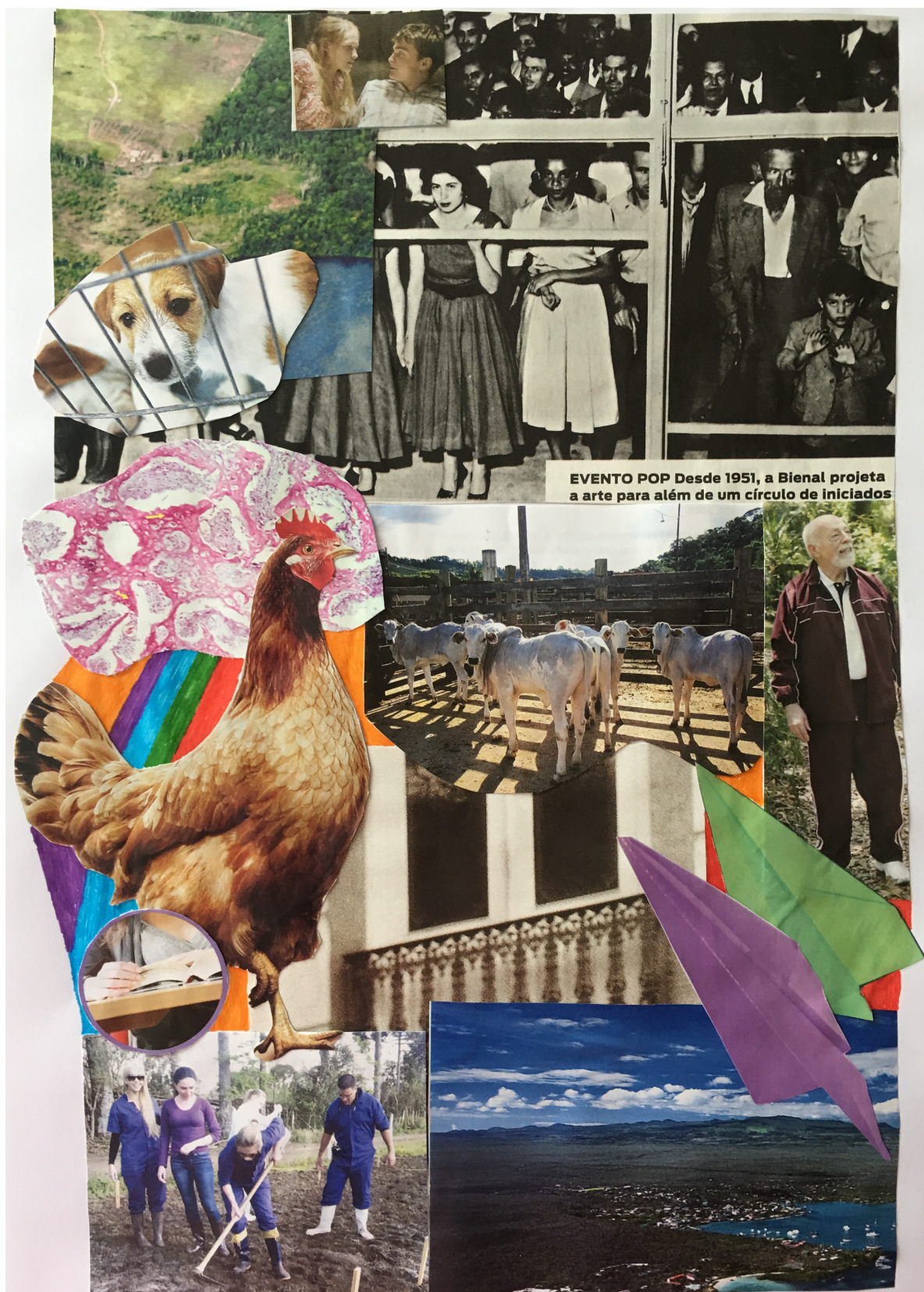
No processo da elaboração artística em que o autor constrói o espaço da expressão que brota da subjetividade ocorre um arranjo metafórico de símbolos, crenças, críticas, na disposição de cores, tons e imagens. Pode ocorrer uma intencionalidade reflexiva quando a consciência assume o comando ou uma fluidez/emersão, quando o inconsciente atua soberano.

Fica evidente neste quadro de Manet e em toda a sua obra artística que ele não se preocupou apenas em pintar quadros esteticamente elaborados, de valor contemplativo e de representação do "belo". Há um conteúdo manifesto e algo de opacidade implicitamente delineado, uma mensagem metafórica, não naturalística, mas intencionalmente contextualizada, que se evidencia também nas cores fortes e contrastantes. É importante acentuar que esta sua obra foi tornada pública quando Freud era ainda um menino de sete anos de idade.

A técnica da escultura é muito antiga, data de tempos imemoriais. Os homens primitivos já usavam a escultura para expressar seus símbolos, suas crenças, seus medos, suas interpretações sobre a vida e a natureza. O primeiro objeto de arte e também tecnológico de que se tem notícia é o machado de pedra lascada, quando os homens primitivos descobriram que podiam fabricar e usar ferramentas para facilitar suas relações com a natureza e para desbravar os espaços, cortar os alimentos, cavar etc.. Em "O homem e seus símbolos" Jung estabelece relações arquetípicas e simbólicas com as esculturas de diferentes épocas da história conhecida da humanidade.

LIVRO DE MEMÓRIAS – FOLHA 1

Este foi um momento criativo de grande importância porque inicialmente, ao folhear as revistas a procura de imagens significativas, o que me atraiu inicialmente foram aquelas que me reportavam a uma fase de minha vida repleta de experiências relacionadas com a convivência com a natureza e com uma cultura de significados emergentes quanto ao que vivenciamos hoje. Menina nascida e criada no interior da Bahia, até hoje as imagens de casarões antigos, de situações campestres me encantam. Por outro lado, acontecimentos culturais foram marcantes na minha infância e juventude. Por isto a imagem da Bienal estampada na revista atraiu minha atenção, lembrando-me também de Carmem Miranda, a imortal. Esta imagem lembra-me também da primeira geladeira, do primeiro fogão a gás, do primeiro aparelho de TV, das primeiras novelas, dos primeiros programas, dos primeiros apresentadores.



Página 01 das memórias mais significativas

Meu Pai, minha grande referência de honestidade, respeito, amor e dedicação à família, foi lavrador, marceneiro e por último comerciante de cereais. Sua grande preocupação foi propiciar oportunidades de estudos aos seus oito filhos. Apenas dois não escolheram os caminhos da universidade. Em primeiro plano escolhi, entre tantas, uma gravura representativa do primeiro amor, aquele que dificilmente se esquece. Abaixo da figura que escolhi para representar o meu Pai, dois aviõezinhos que simbolizam uma brincadeira de escola, divertida para os alunos e estressante para os professores. O cachorrinho assustado atrás das grades simboliza as proibições/interdições vividas na fase infantil e principalmente na adolescência e na juventude, que trouxeram consequências que se traduziram em indefinições da fase adulta. Mas... Não é só isto/são muitos istos... Que não me impediram de investir na criação e educação de meus seis filhos; na minha formação intelectual, galgando degraus de forma gradativa, que me propiciaram até o momento duas graduações, Pedagogia e Gestão em Recursos Humanos, Mestrado e Doutorado em Educação, 55 anos em docência na Educação Básica e Superior. No momento estou cursando Psicologia e Arteterapia. As folhas seguintes do meu livro de memórias são repletas de experiências, desejos e sonhos, integrados à realidade vivencial de cada momento, em busca de superação/realização.

INTERPRETAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS: EXPRESSÕES DE MIM AO FINAL DESTA EXPERIÊNCIA

SENSAÇÕES E EMOÇÕES QUE VIVENCIO A PARTIR DA LEITURA DAS COLAGENS

- 1) Sensações e sentimentos de reafirmação de escolhas atuais, de reviver episódios do passado, de minha história de vida, que despertam emoções de prazer, de alegria, de vontade de voltar; algumas provocaram sensações e emoções tristes que me remeteram a lembranças de vivências sofridas que foram ressignificadas, entretanto, suas marcas ainda persistem nos meus momentos atuais, interferindo, ainda que inconscientemente, em decisões do aqui e do agora. A vontade de voltar configura uma saudade boa dos momentos que me gratificaram com a presença de pessoas queridas que se

foram de minha vida, mas deixaram suas marcas carinhosas e dignificantes. As sensações tristes me mobilizam como uma reação dinâmica para me refazer e enxergar nessas experiências um conteúdo manifesto de impulso para a busca constante de um vir a ser construtivo. As sensações gratificantes me impelem para a busca de novas conquistas, de reconstrução daquilo que um dia me fora negado. A lembrança de pessoas queridas me acalentam como uma chuva macia penetrando meu ser através da pele, do coração, do pensamento, vivificando emoções e novas buscas.

- 2) Todas as imagens foram escolhidas pela importância das lembranças que provocaram, das emoções recorrentes e da forma como ainda são presentes e representam momentos decisivos de minha história, cada um no seu tempo e lugar. Numerei as páginas por ordem temática e não por ordem de importância e escolhi a página 01, que representa começos de um processo de vida e formação.
- 3) Tudo permanece como momentos ontológicos, antropológicos, cujas vivências definiram e arquitetaram o que sou hoje e como continuo me reconstruindo e me reconstituindo enquanto Pessoa, Profissional... Ser em evolução.

EXPERIÊNCIA DA MODELAGEM EM ARTETERAPIA



Esta atividade mobilizou outros aspectos de mim que me impulsionaram a transferir para a argila sentimentos, valores, crenças e criticidade sobre a vida atual

a partir de cenas urbanas. Quando peguei na argila fria, húmida, maleável, neutra (?), submetida (?) à vontade do artista, pensei: o que farei com ela? É a primeira vez que coloco minhas mãos e meu pensamento neste material de produção artística. Ao longo de minha vida desenvolvi o gosto pela pintura em telas, cujos motivos inspiradores têm sido a figura humana e a natureza, em diferentes momentos e expressões. Logo predominou em mim o desejo de representar na argila o humano das ruas, uma cena urbana que muito me toca e me causa aflição: o abandono do Ser humano, a solidão daqueles que se tornam invisíveis, "coisas" sem importância, que, se algum olhar desavisado ou impertinente os notam momentaneamente, causam incômodo e medo. A proposta da atividade era a representação do feminino e do masculino. As cenas começaram a tomar forma na minha imaginação e um momento criativo deu lugar a uma história de homem e de mulher. Dei àquela narrativa um nome, um significado realístico e ao mesmo tempo dolorido.

A dor que perambula pelas ruas da cidade

O homem, representante de um grupo social que vive em condições abaixo da pobreza, sem emprego, sem qualquer qualificação para o trabalho exigida no mundo atual, sai de casa em busca de algo que possa suprir alguma das necessidades de sua família. Mulher e filhos pequenos, desprovidos de tudo. Anda a esmo, buscando atrair a atenção das pessoas, mas ninguém o percebe, ele é invisível. Apenas a sua dor forma a expressão de seu rosto e deforma seus sentimentos. Fatigado de tanto perambular, encontra o tronco oco de uma árvore centenária, que o acolhe e alivia o seu cansaço. Pensa, chora e não sabe o que fazer por si e pela sua família. Ninguém o vê, ninguém o sente e ele continua ali, pensante. Muitas vezes foi confundido com assaltante ao abordar pessoas e pedir uma esmola. Outras vezes diziam: "vai trabalhar, vagabundo"... E ele pensava: "sim, sou vagabundo, nada sou, nada tenho, nada posso, sou vagabundo"...

Depois de pensar muito sobre sua vida, sobre o que ele se tornara, olhando em frente, como se procurasse algo que o confortasse, avistou uma estátua, um busto de mulher, no topo da pilastra de um edifício luxuoso. O semblante da estátua era de uma mulher dura e carrancuda. A quem ela dirigia toda aquela dureza? O que

ela repudiava com aquele olhar insensível? Pensou na sua esposa, lembrando-se de como ela era linda e faceira quando a conhecera. E disse de si para consigo: hoje ela mudou tanto, de tanto sofrer, se parece com essa mulher da estátua. Me olha sempre assim quando chego em casa sem dinheiro e sem comida. O homem chorou com pena de si e de sua família.

Associações (Im)Pertinentes

Por uma questão daquelas que não sei porquê... Ou sei? Pensemos, Eu e o texto que de mim saiu, motivado por impressões outras, de mim para comigo e para outros; que a minha observação registrou e gerou esta expressão artística, um texto em argila, cuja textura criou em mim, naquele momento, outras reflexões, indo ao encontro de outros momentos repletos de prazer e de saudade. Outros textos urbanos que me deixaram impressões gratificantes e bonitas. Saudades do tempo de criança, quando brincava com terra molhada depois da chuva, desenhando coisas que na lembrança aparecia. Depois vinha outra chuva e o vento também e desmanchava tudo. Mas o prazer consistia em manusear a terra molhada, sentir o contato com o chão molhado, sujar a roupa e o corpo todo. E depois ouvir repreensões dos adultos que pareciam ter esquecido do seu tempo de criança. Entrar debaixo do chuveiro, de roupa e tudo era mais que um prazer, uma teimosia, daquelas que a gente fazia para ver os adultos com raiva.

Estava eu, no momento da produção, a enfrentar dificuldades no manuseio da argila. Além de ser a primeira vez, como já disse, de um contado direto com a argila, que não era terra molhada da chuva, ela não foi muito colaborativa comigo. Estava muito mole, grudava nas minhas mãos e as colegas ao lado me diziam: "molhe as mãos, ajuda". Realmente, eu molhava as mãos, ficava melhor o manuseio, mas a argila amolecia mais ainda. Eu queria que a escultura ficasse lisinha, como as dos artistas escultores, mas não ficava. Quanto mais eu tentava alisar e acentuar as formas, a argila, mole, maleável demais, tão demais, que a tornava rebelde aos meus comandos. Fiz de tudo para não ficar nervosa e, racionalizando, dizia de mim para comigo: ora, não sou escultora, essa argila não ajuda, não faz cumplicidade comigo, importa-me imprimir nela a minha ideia, os meus sentimentos diante de

uma cena urbana que me incomoda. Olhei as peças com indulgência e pensei: é... O homem parece mesmo que está deitado na parte oca de uma árvore antiga, que, como ele, luta para sobreviver. O seu corpo está entregue ao espaço que o acolhe, o seu semblante está cansado e triste; a mulher representa alguém de semblante duro, altivo e indiferente à dor do homem que a viu como uma peça decorativa de um edifício de luxo, o que não o impediu de fazer suas associações com a própria vida. Não fiz a pilastra que sustenta a estátua, mas com essa argila, não vai dar, fica assim mesmo. Está bem assim. Consegui imprimir à argila sensações e sentimentos, embora não tenha conseguido coloca-la inteiramente a minha disposição.

A colega que estava ao meu lado falou: "é um homem deitado numa concha? E a mulher, quem é? Nem sequer me surpreendi com as observações da colega, porque com arte é assim, diferentes interpretações são suscitadas por diferentes olhares e sentimentos. Fiz para a colega a narrativa de minha inspiração e ela disse, para meu conforto, que as expressões do homem e da mulher correspondiam à minha descrição. Sorri de satisfação e pensei: a maior ambiguidade de minha produção está nesta parte do tronco da árvore, que está fora de seu contexto – a árvore; e na pilastra – ausente, que sustenta o busto da mulher. E como a ambiguidade faz parte da produção artística, vai ficar assim mesmo, está bom assim.

Enquanto conversava com meus amigos, outra colega quase pegou a minha produção para usar como se fosse apenas um pedaço de argila. Segurei sua mão, pedindo desculpas e disse: é a minha arte, não destrua!... Ela se assustou e pediu desculpas dizendo: olhando por detrás não dá para perceber que é uma peça de arte. Mostrei-lhe a frente e sorrimos. Ela continuou seu trabalho e eu as minhas reflexões.

Foi então que meu pensamento viajou para a Cidade de Sevilha, na Espanha, e percebi que um dos cenários por onde andei aflorou naquele momento criativo e se materializou no objeto de descanso meditativo do homem, ressignificado num elemento da natureza da nossa cidade de Salvador. É incrível como as situações se interrelacionam, criam sincronismos e surgem na experiência como elemento inspirador, ainda que de forma inconsciente e distante no tempo e no espaço. Determinados "acontecimentos coincidentes ainda não estão presentes no campo de percepção do observador, mas foram antecipados no tempo, na medida em que só

podem ser verificados posteriormente” (JUNG, 2014, p. 118). Neste caso, não foi um acontecimento externo simultâneo, sincrônico, foi a manifestação de um estado psíquico “demasiadamente indeterminado e indefinível” (I. ibd. p. 119). O encontro com a estátua do parque Maria Luiza foi uma antecipação “sincronística” que se concretizou na experiência do homem com quem dialoguei em uma situação espacial semelhante e futura, concretizada pela inspiração artística.

Num dia ensolarado do mês de julho de 2010, eu passeava pelo Parque Maria Luiza, sozinha... Gosto muito de passear sozinha em lugares que não conheço, principalmente se for a primeira vez, porque escolho onde quero ir e consigo integrar-me aos cenários visitados de forma plena, vendo, sentindo, admirando, analisando, interpretando, colhendo significados... Vivenciando a atitude do *flâneur*, (pessoa que vagueia pelos lugares, percorre ruas, espaços, medita, observa, sempre atenta à história dos lugares, saboreando um prazer estético).



Lá encontrei uma escultura que muito me sensibilizou e fiquei um bom tempo olhando-a e pensando: se fosse uma mulher viva, o que estaria pensando, nesta atitude contemplativa? Foi uma longa conversa entre nós, minha subjetividade aflorou neste diálogo mudo e compreensível para mim.

Sevilha é uma cidade admirável, bela, sedutora, o parque é um ambiente acolhedor e eu sentia vontade de ficar lá, naquele aconchego. Falei para a estátua: estou com inveja de você. Inveja de uma estátua? Sim, você representa neste momento um desejo de mim: ficar em Sevilha para sempre, integrar-me a este lugar que me causa um bem-estar comparável apenas à noção de pertencimento. Andei pelo parque durante toda a tarde e dei-me uma explicação: eu sei porque sinto isto neste lugar, é o mesmo sentimento que experimentei quando entrei no comboio em Lisboa, desci em Estoril e passei o dia a sós passeando e flaneando. A experiência do *flâneur* só se enriquece na solidão. Fiz um *selfie*, para imortalizar aquele momento.

REFERÊNCIAS

BARONE, Luciana. **Inconsciente, subjetividade e processo de criação**. Paraná: Faculdade de Artes, 2014.

JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. Concepção e organização Carl g. Jung. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 2.ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Sincronicidade**. 20. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

MARTINS, Luiz Renato. Colagem: Investigações em torno de uma técnica moderna. São Paulo: **ARS** [online]. 2007, vol. 5, n.1 0, p. 50-61.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2014, 34 (1), 142-157.